

Resenha

DUARTE, Paulo. Metamorfoses no Poder: rumo à hegemonia do dragão. Lisboa: Chiado Editora. Coleção Compendium, 2014, 310p.

Nuno Canas Mendes¹ / Portugal

À míngua de trabalhos publicados na área dos Estudos Asiáticos em Portugal não corresponde à falta de qualidade, espelhada na robustez da investigação, na capacidade de análise ou ainda em eficazes revisões de literatura. Se tivéssemos de descortinar tendências, no que diz respeito à sub-área das relações internacionais da Ásia – e em particular da Ásia Oriental -, o previsível predomínio da República Popular da China não só se explica pelo lugar central que esta potência tem no sistema internacional, como também pelos nexos que existem com o mundo lusófono, quer através de Macau, quer através dos negócios que têm sido estabelecidos com os países africanos de língua portuguesa, com o Brasil e Timor-Leste. O desafio maior – e a coragem do autor – estão na capacidade de empreender uma análise contida em pouco menos do que 300 páginas sobre as ‘metamorfoses’ ocorridas na história recente da China, como modelo e ameaça. O foco principal é a análise da ‘grande estratégia’, com base na qual discorre sobre os matizes da ‘ameaça’, questão que, de tão antiga, deu origem a alguns aforismos e expressões sobejamente conhecidos e de pendor premonitório. Obviamente, Paulo Duarte assumiu o risco de percorrer um caminho que já foi trilhado por um grande número de investigadores e de escrever um texto com temáticas de circunscrição mais do que complexa, que aqui fica fundamentado numa opção científica e metodológica que ancora uma ‘visão de conjunto’.

Trata-se de uma obra de relevo no panorama editorial português, com uma natureza e âmbito que não haviam sido tentadas, salvo talvez, no que toca às duas primeiras partes do livro, sobre o poder e a estratégia, a obra de Tiago Vasconcelos, *Ascensão da China, Acomodação Pacífica ou Grande Guerra* (Almedina, 2009). A

¹ Doutor em Ciências Sociais, na especialidade de Relações Internacionais; Mestre em Relações Internacionais pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (ISCSP – UTL).

análise do poder chinês, na sua complexidade, remete-me sempre para um interessantíssimo artigo que Gerald Segal publicou na revista *Foreign Affairs* (*Does China Matter?*), onde se interrogava sobre a ‘real’ dimensão do poder chinês, concluindo que acima de tudo estava em causa a capacidade de ‘fazer crer’, ‘enfatizar’ ou ‘sobrevalorizar’, isto é, aquilo a que chamava de ‘poder teatral’, que de certa forma poderia ser integrado naquela linha imaginária que une *hard* e *soft power* numa tensão gradativa única e não polarizada.

Estão ausentes ou praticamente autores e obras de relevo, como David Shambaugh, François Godement, Michael Yahuda, Jean-Pierre Cabestan, Martin Jacques ou Henry Kissinger, o que por certo foi deliberado. O mesmo sucede quanto à escassa produção nacional sobre o tema, que de tão parca não deveria ter sido votada à ignorância: Heitor Romana (*República Popular da China - A Sede do Poder Estratégico. Mecanismos do Processo de Decisão*, Almedina, Coimbra, 2005), Tiago Vasconcelos (já citada) e Luís Cunha (*A hora do dragão, política externa da China*, Zebra Publicações, 2012), só para citar as omissões mais flagrantes, a que se poderia acrescentar o magnífico volume que Luís Tomé coordenou em 2008 e que foi dado à estampa com o título ‘*East Asia Today*’, reunindo um conjunto de textos dedicado à China. É evidente que não está em causa um ensaio de exposição do ‘panorama’ nacional, e muito menos a pretensão de não ter lacunas ou de considerar ‘todos’ os ‘incontornáveis’, inviabilidade que é aqui agilmente suprida pelo recurso a um conjunto de entrevistas pessoais realizadas em Portugal e na China, bem como em algumas das repúblicas da Ásia Central.

O livro é composto de cinco partes: a primeira sobre o poder, a segunda sobre a estratégia integral, a terceira sobre as questões económicas, a quarta sobre as dificuldades internas e a quinta sobre o debate em torno da ‘ameaça chinesa’. O desenvolvimento das matérias é forçosamente desigual, assumindo particular destaque o capítulo dedicado à estratégia da China na Ásia Central, questão a que o autor tem dedicado especial atenção. Todas as outras temáticas são tratadas sinteticamente na óptica dos mitos da ameaça, do alerta de Napoleão sobre o ‘despertar’ da China, passando pelo ‘perigo amarelo’ do Kaiser Guilherme II até ao ruído midiático dos nossos dias. Paulo Duarte fixa alguns pontos essenciais, como um futuro ‘traçado nas águas’, a competição com os Estados Unidos da América, as tensões com a Rússia, as ambivalências com a Índia e ainda os vários ‘paradoxos’

da sociedade chinesa (do 'filho único' ao Partido Comunista Chinês, este último só muito de leve explanado, passando por um crescimento econômico pouco sustentável ou pela necessidade de reforçar o equipamento das Forças Armadas...), para concluir que a 'ameaça' é ainda 'reduzida', não obstante o potencial regenerador de um destino manifesto. Uma leitura que é um esboço de sensibilização para uma avalanche temática.

Recebido em Abril de 2015.

Publicado em Julho de 2015.